

10-06-2025

## O BAR DO JOÃO GORDUCHO

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

No bar de João Gorducho, depois da meia-noite, entram bêbados, prostitutas, mendigos, trabalhadores da obra, de esquinas e vendedores de mortuárias – e um quê mais de gente de indevidas coisas conforme reza a cartilha do Padre Pelejam Duarte. Esse padre que, de mãos dadas com o pastor da Benedita Assembleia de Sarah, aderiu à prática de exorcismo de cachaceiros. Dos impróprios e dos impropérios, o bar do João Gorducho se enche. Pede entrada, o famoso “começo dos trabalhos”, até o prefeito da cidade, um tal senhor Gasmino Batimonte Cabresto, acompanhado que sempre está de seus protetores parrudos. Poetas pedem a “boa do engenho”. Comunas pedem aquela, a pinga “*Foice da Liberdade*”. Uma senhora de buço insensato pede a “*Maledita*”. No bar de João Gorducho todos se unem, se abraçam, se esmolam em bênçãos de Deus-queira-me-bem e vai uma para o santo, e vai outra no passar da noite tropical. Alguns até dizem que bar é um nome abastado e dito por gente rica, então preferem dizer “*Venda da vida*”, ou “*Quiosque do João Gorducho*”. No canto da rua mal iluminada, no barraco de adobe feito com telhas velhas e janelas tortas, João Gorducho leva a sua vida ouvindo histórias que até Deus duvida. Uma, depois outra, a quase saideira, a saideira, a pós-saideira, a pós da pós-saideira até que tudo, em várias noites, se embola qual um cipó de baixada. Ali, conversas sobre futebol e preferências sexuais; relatos de paixões que se foram e não voltam nunca mais; episódios dramáticos e trágicos de trabalhadores e de trabalhadoras deitam o tempo. É comum, depois da pós-pós-saideira, haver brigas, mordidas em orelhas, cusparadas, ameaças advindas de jogo de palito. Demonstrações de forças há, como há sinceros votos de amor de eternidade. Numa noite de lua cheia, pediu entrada um poeta, poeta mesmo de profissionalismo versante. No maravilhamento de versos, deu esse poeta de recitar poemas de amor, louvores de amor, canções de amor. Foi aí que a prosódia aconteceu. ... O prefeito, esse tal senhor Gasmino Batimonte Cabresto, foi à lua de paixão pela prostituta Berlaminda, que ali, no canto da mesa, vestiu de sedução a sua boca afroflorescente. A paixão do prefeito foi instantânea e providencial. Pediu, esse prefeito, o próprio impeachment. Deu favas ao mandato de gravata, estava gosmando de amor no corpo inteiro. Antes de deixar o cargo de prefeito, com malas de paixão, decretou que, a partir daquele dia, o município teria outro hino: a música “*É o amor*”, de Zezé Di Camargo. Ele mesmo juntou todas as mesas, prometeu para depois cumprir pagar todas as contas, pediu um abraço coletivo da ralé em estado de embriaguez; solicitou que João Gorducho trouxesse o violão e a sanfona. Ordenou silêncio no recinto. Olhou, com olhos de águia, de jacaré, de leão esfomeado, ou de tamanduá comendo formigas, os olhos de Berlaminda. Olhou firme como um tigre mirando a presa e puxou a cantoria. Nunca se viu algo tão bonito. Até João Gorducho, gestor sensato de algazaras, derramou lágrimas de cinema. ....

Outro dia, meio que esquisito e tímido, chegou ao bar um professor de Geofolia. Deu esse professor, depois de uma talagada na sequência de outras, de desenvolver, ao vivo, práticas de mágicas. Tirou um lenço branco do bolso, contornou as mãos vazias, dobrou-as e retirou da nuca uma pomba assustada. Queria que a pomba voasse num espetáculo atmosférico de grande porte, mas ela preferiu beijar as pernas de Maria Querida, uma benzedeira de quebranto e espinhela caída. ....

Iure Buarque, jovem frenético e galanteador, aluno do curso de Geofolia, citou de graça o verso de Lobão: “*Não existe mágica no escuro*”. Arredondou a peça com uma lambida de sabedoria. Disse que “*no bar o juízo descansa e no trabalho a força se esvai*”. Emendou a cantilena intelectual com essa: “*Só um bêbado entende o mundo sem prejuízo da censura e só a liberdade vence o claustro da razão medrosa*”. Com empolgação do topete de Elvis Presley citou a filósofa Viviane Mosé: “*Quem muda o mundo são as pessoas tortas, não são as enquadradas*”. Iure Buarque ganhou notas de atenção. Foi isso que o fez desabotoar a algibeira da sabedoria. Pôs-se a dizer que “*se não há cachaça sem decantação, não pode haver encanto sem limão*”. Com a língua limpando a garganta e com mãos estendidas como Roberto Dinamite depois do gol, completou a lição. Disse ele que “*a vida é um balaio de tensões, problemas há e haverá até quando o sol existir e a luz do mágico fazer a pomba voar*”. Sequenciou palestras mínimas, inclusive a de que o bar é a única instituição verdadeiramente democrática no Brasil. O bar aceita todos os rostos, todos os gestos, todas as vozes, aceita-os e os faz ser sujeitos. Entretanto, sem titubear decifrou em público que, sim, a luta de classes atravessa os gêneros e as formas de bar. No bar dos bacanas quem põe à mesa é o dólar e no botequim de esquina a alegria é a lei republicana de trabalhadores e trabalhadoras. Emendou com certo magnetismo na voz que a democracia abraça a moral, mas a moral da vida ultrapassa qualquer regime político. Soltou essa que os apaixonados pelo fascismo e pelas ditaduras são pessoas ressentidas que, no desespero interior, procuram um pai imaginário para salvar a sua fraqueza. Contudo, deveriam procurar a mãe, a própria morada no útero, o estado de embrião que coloca o sujeito em total comunhão com o corpo materno. Iure Buarque pediu outra. Abraçou um velho senhor com semblante de menino que o ladeava. Alguma coisa, no velho senhor, o fez lembrar algo que não decifrava. Quando percebeu estava com lágrimas no rosto. Lágrimas de amor. Pediu outra. Essa João Gorducho lhe entregou com carinho: “*É por conta da casa*”. De repente, na mesa ao lado pipocou um debate em que o tema se baseava numa questão: “*Quem foi melhor jogador, Garrincha ou Pelé?*”. Iure Buarque pulou da mesa e arrebatou: “*Pelé é Pelé e tem Garrincha na chuteira. Garrincha é um pouco de Pelé e tem Chaplin no coração*”. Recebeu aplausos e abraços cheios de babas. Com alegria de flor, encerrou a jornada com essa: “*A noite é uma criança e o torresmo, um carrinho de rolimã*”. Com semblante pacificado, João Gorducho interveio: “*Gente, está na hora de encerrar o espetáculo!*”.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.